

A ARTE DE ENSINAR: Entre a deusa-mãe Mnêmesis (memória) e a deusa-filha Clío (história)

Manoel Alves de Sousa¹

I - INTRODUÇÃO

O conhecimento histórico, advindo da investigação metódica e sistemática da realidade social, é divulgado e transmitido para a sociedade através da educação, do ensino escolarizado e de outras modalidades de ensino, como também, se difunde por meio dos movimentos sócio-político-culturais e dos meios de comunicação.

Na era da informática, imagens, símbolos, signos, ícones são recursos que marcam a historicidade humana da pós-modernidade. A comunicação, através das diversas linguagens desenvolvidas em suas múltiplas temporalidades, tem sido o baluarte de divulgação do conhecimento e da construção do mundo.

Não há comunicação sem linguagem, da mesma forma que não há história sem o tempo e o ser humano sem história. Porque se a linguagem é a forma pelo qual os homens expressam idéias, sentimentos e comportamentos diversos, é através do tempo, que os homens preservam, transmitem e perpetuam a sua cultura, sua memória e identidade histórica.

Eis aí a razão da historicidade humana. É interessante entender a importância da comunicação nesse processo, segundo BOMBASSARO (1992; 13):

“E, neste ato formativo de construção do mundo, que se manifesta como linguagem, revela-se a dimensão comunicacional inerente às ações pelas quais o homem estabelece sua relação com aquilo que ele próprio constrói. Esta dimensão comunicacional mostra aquilo que o homem mais partilha, aquilo que o constitui: sua racionalidade e sua historicidade”.

Dessa forma, os meios de comunicação têm se transformado no espelho e na lâmpada das informações carregadas de interesses singular e plural, revolucionando a dimensão comunicacional, a razão de ser da historicidade humana nos últimos tempos.

No entanto, é preciso lembrar que a forma como esse conhecimento atinge os mais diversos segmentos da sociedade brasileira, pode colaborar para a permanência, mudança e criação de valores, e para servir, enquanto instrumento de luta, na busca da cidadania; ou mascarar os conflitos e as contradições das relações sociais; como serve, também, para selecionar momentos e memórias históricas que interessam a determinados grupos ou segmentos da sociedade.

Não se iludam sobre o conhecimento histórico. História não é memória dos antepassados ou tradição coletiva. História é o que as pessoas aprenderam e apreenderam dos professores, dos produtores dos livros didáticos, dos autores de artigos para revistas, jornais e programas de televisão, como afirma HOBBSAWM (1998; 19/20).

¹ Professor-Adjunto da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará e da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza.

O papel do professor, enquanto mediador de saberes e profeta da palavra, é de enunciar o conhecimento e problematizá-lo através da pesquisa e da interação educador/educando, enquanto sujeitos do processo sócio-interacional da aprendizagem, LIBÂNEO(1990), FREIRE (1980). Nessa perspectiva, o professor na sala de aula, ainda é o articulador do conhecimento pela intervenção direta ou indiretamente nas relações de saberes e de aprenderes. A comunicação do professor tem um peso significativo para o desenvolvimento do conhecimento histórico, porque o seu enunciado tem *status* de verdade, ALVES (1984), assim se justifica o pensamento de HOBBSAWN.

Por outro lado, se da memória nasce a história, assim os gregos diziam, a memória é a matéria prima para o professor-historiador fazer de sua arte de ensinar a arte de esquecer/lembrar, como determinações permanentes/transitórias do ser humano, enquanto sujeito histórico-dialético.

A temática dessa pesquisa foi inspirada na idéia grega que estabelecia uma relação muito íntima entre Memória e História. Para HESÍODO (1992) no interior da palavra memória guarda uma deusa: Mnêmis “a rainha das colinas de Eleutera”², ou seja, a terra da liberdade completa. Assim, memória significa liberdade de voltar ao passado e lembrá-lo para a coletividade.

Para os gregos, a deusa memória concedia aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para todos. Tinha o direito de conferir imortalidade aos mortais, para que não caíssem no esquecimento os seus gestos, suas obras, atos, palavras e feitos, tornando-se memoráveis, CHAUÍ (1995;126). O papel do professor, na pós-modernidade, também de “poeta”, “adivinho” e “profeta”, não teria o poder, conferido pela deusa Mnêmis, de tornar imortal os feitos da humanidade, através do processo ensino-aprendizagem?

O desenvolvimento investigativo da temática tem se pautado na problematização da “Arte de Ensinar: entre Deusa-mãe Mnêmis e a Deusa-filha Clío” que está sendo significada pela educação patrimonial, tendo, como mundo real da pesquisa, as colinas da escola e os “lugares da memória”, e como representação os documentos, a produção científica, o currículo escolar e o plano de aula do professor de História.

Do ponto de vista teórico, a discussão se fundamenta a partir da polêmica entre memória e história que tem se desenvolvido desde os gregos até a pós-modernidade, ora afastando, ora aproximando a Filha-História da Mãe-Memória.

Para os gregos, existia uma relação muito íntima entre memória e história. Para eles, a mãe Memória é a geratriz das artes. Sem a memória não haveria as artes, nem a História, a primeira delas (GIRON); A concepção de memória e história é vista como relação próxima e não como oposição ou como dois pólos antagônicos.

Na modernidade os pensadores separam a história da memória e a distanciam tornando-as antagônicas e fadadas a uma eterna oposição. Esta dicotomização acirrada teve sua origem no

² HESÍODO, Teogonia. Tradução e organização JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 107

século XIX quando a historiografia tentou separar-se da memória colocando-se como ciência, opondo-se seus métodos ao da memória, ARRUDA (1999;558).

Segundo GUARINELLO (1995;182) esta polarização torna-se mais visível com a elevação da História ao status de Ciência:

“quando a história se tornou uma disciplina científica, no século passado, essa oposição foi um dos fundamentos de sua constituição como uma ciência pautada pela medida da verdade capaz, como se julgava então, de apreender a verdade objetivamente. (...) E a oposição entre história científica e memória coletiva ergue-se até hoje, como espécie de mito da fundação, um mito que definiu um saber como científico, positivo e verdadeiro, e um não-saber, irracional, porque volúvel e interessado”.

Mesmo entre os autores da História Nova, como Pierre Nora, a memória e a história são contraditórias e opostas em tudo:

“A memória é vida, carregada por grupos vivos, a história reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais; a memória é um fenômeno atual, a história uma representação do passado; a memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica(...)

As mudanças na ordem econômica nos meados do século passado, suscitaram um novo pensar na relação história e memória. A onda neoliberal, marcada pela globalização do consumo e do mercado, simplificou a memória, o local, o patrimônio histórico à arranjos sociais capitalistas. Os neopositivistas acirraram o distanciamento entre história e memória e, se possível, a supressão da memória histórica.

Portanto, o projeto neoliberal busca se auto-afirmar manipulando um dos segmentos de análise, de estudo e de pesquisa, muito caro aos historiadores: a memória coletiva. Sobre esta manipulação do Estado neoliberal, controlado pelos oligopólios e grupos nacionais e transnacionais, a memória coletiva não representa dividendos para a acumulação de riqueza das classes dominantes. Assim, denuncia SILVA (1995;13):

*“A estratégia de supressão da memória histórica se une aqui a estratégia de redefinição de velhas categorias da produção de novas para criar um clima favorável aos objetivos empresariais de lucro e expansão – inerentemente antagônicos aos interesses dos grupos populares. A educação é alvo estratégico dessa ofensiva precisamente porque constitui uma dessas principais conquistas sociais e porque está envolvida na produção da memória histórica e dos sujeitos sociais”.*³

Com essa disposição do capitalismo mundial de transformar o mundo numa grande “aldeia” mercadológica, é que, na pós-modernidade, as novas correntes teóricas reaproximam a deusa-mãe Mnêmis da deusa-filha Clío, resignificando realizações humanas; considerando o papel da consciência histórica e da cidadania; privilegiando o trabalho com fontes documentais de diversas natureza; compreendendo que a História Local/Regional representa em termos de fontes e de compreensão de modos de pensar e viver; criando e recriando os “lugares da memória”.

³ SILVA, Tomaz Tadeu. “A ‘nova’ direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia”. In: GENTILI, P. e SILVA, T. T. Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas. 3.ed. Petrópolis: Vozes;

Ora, o problema da identidade dos diferenciados grupos humanos, que a globalização quer padronizar, está articulada, segundo LUPORINI(1999;548):

“aos locais onde se cristaliza e se refugia a memória, a que NORA denomina “lugares da memória”. Eles são criados em função da “aceleração da história”, em meios dos fenômenos do mundo contemporâneo como a mundialização, a massificação, a mediatização. Os “lugares da memória” materialmente apresentam-se como vestígios, restos, testemunhos do que já passou. Seu tempo é o que se expressa pelo desaparecimento da essência íntima da memória para reviver sob a operação intelectual que constrói a História”.

Em síntese, a questão da identidade e da relação íntima entre História e Memória encontra-se, dentro do pensamento de Pierre Nora, como pondo fundante, na elaboração da noção de “lugares da memória”⁴. Mesmo diferenciando história da memória o autor explica que a condição essencial para que a memória permaneça é o sentimento de continuidade presente naquele que se lembra, no conjunto do patrimônio cultural ao ser indagado, no fragmento do cotidiano que denuncia saudades, lutas e formas de pensar, na transição permanente desse cotidiano que mediatiza o antes e o depois, o local o regional e o universal. Dessa forma D’LASSÉSIO complementa ao refletir com NORA:

“Lugares de memória”, vivência que transborda de um momento histórico em que vivemos na fronteira do que éramos, num quadro rural-local e o que somos num quadro metropolitano-universal” (1992;102).

Partindo dessas considerações teóricas a pesquisa caminha para apontar caminhos, fundamentos e implicações da educação histórica e de uma pedagogia da memória no cotidiano escolar, pelo panorama dos “lugares da memória”, ou seja, pela perspectiva da educação patrimonial enquanto objeto de ensino, de discussão da relação História/Memória.

II – TRILHOS E ATALHOS DA PESQUISA EM FASE PRELIMINAR

Os estudos sobre o Ensino/História/Memória vieram da nossa vivência de sala de aula como professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza e Professor-Adjunto da Faculdade de Educação Ciências Letras do Sertão Central da Universidade Estadual do Ceará, trabalhando na região do Sertão Central do Estado do Ceará, com as disciplinas Didática da História, Prática de Ensino, História Local/Regional e História do Brasil.

As trocas de experiências, o cotidiano da sala de aula, o contato permanente com alunos e professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior, nos ensejaram a fazer esta pesquisa voltada para as possibilidades de **uma educação patrimonial** e de uma **pedagogia da memória** que sensibilizem a escola e universidade para uma consciência histórica de nossa memória coletiva.

Quando perguntamos a uma professora do que se lembrava das ruas de Quixadá, respondeu

“Lembro dos nomes que diziam da vida das pessoas: Rua do Combate: lembra a ocupação da cidade pelos “cabras” de Lampião na década de 20; Carrascal: dizia

⁴ NORA, Pierre. “Entre Memória e História, in NORA, Pierre (org.) Les Lieux de Mémoire. Paris: Gallimard, 1984

da terra ruim, cheia de pedregulho que durante a seca as pessoas sofriam para sobreviver; Gogó da Ema: lugar temido pelos assaltos, passagem perigosa e estreita pelos marginalizados da cidade. Atualmente Gogó da Ema é bairro, com um novo nome para apagar memória do passado, chama-se Campo Novo para dar nova vida aos seus moradores “⁵.

Ao indagarmos a uma professora de Fortaleza: que lembranças você tem da sua rua? Ela comenta:

“grandes crateras, onde tomávamos banho no dia-dia de chuva; muitas crianças brincando na rua; os vizinhos nas calçadas; brincávamos nos quintais de alguns vizinhos. A noite estrelada que deixava a areia branquinha ...isso na década de 1970. Hoje, a rua está diferente da de outrora, pois com o asfalto e a ‘inchação’ da rua, não sobrou espaço para as brincadeiras das crianças” “⁶.

A amostragem da pesquisa se concentra em 20 professores do Ensino Fundamental e Médio enfocando o ensino/memória/história, privilegiando a região metropolitana, especialmente, Fortaleza e a Região do Sertão Central, e especificamente Quixadá. Fortaleza por concentrar a maior quantidade de escolas e por ser uma cidade onde a memória e seu patrimônio cultural tem sido mais agredido nas últimas décadas. E Quixadá por ser um centro sub-regional do Sertão Central, marcado pela depredação de sua cultura material e imaterial, apesar das lutas das entidades locais, centros e movimentos culturais.

O relato das experiências da pesquisa ainda é de forma preliminar que apontam, de forma embrionária, alguns caminhos para possíveis reflexões e que são carentes de maiores informações e dados significativos por conta do trabalho se encontrar em fase inicial.

A fala de alguns professores apontam uma visão de memória a partir do seu ponto de vista, tendo o cotidiano como o mediador entre o lugar e o espaço. Para CERTEAU (1994:201) há uma distinção entre o lugar e o espaço: *“Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”*; Portanto, um lugar é uma *configuração instantânea de posições*. Sem dúvida que um lugar implica uma *indicação de estabilidade*.

Como se desestabiliza e quem desestabiliza a ordem, a estabilidade do lugar? Quem se situa, ocupa, se apropria e desapropria do lugar? Para CERTEAU, *“existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. (...) Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais”*.

Nesse sentido, os “lugares da memória” só permanecem como espaço da memória se estiverem “vivos”, vivenciados, tocados, sensibilizados, mediatizados pela palavra, pelo corpo, e pelo tempo. Eis aí a razão de ser da memória.

⁵ Entrevista com a Professora Regina do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Quixadá – Janeiro de 2003

⁶ Entrevista com a Professora Helena Sabóia do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino do Ceará concedida em Fortaleza – março de 2003;

No depoimento de uma professora de História do Ensino Fundamental de Quixadá, nota-se a vontade de perceber a cidade como o lugar da natureza, memória acinzentada pela caatinga, marcada pela presença do homem moderno para quebrar a sensação desse lugar intrépido, como se esse lapidasse a pedra desde os tempos primitivos.

Veja como ela descreve a sua vontade de “ver” o lugar e o espaço:

“A estrada vai cortando a infindável área da caatinga. A paisagem semi-árida se repete de forma monótona, no sertão cearense. São sempre os mesmos cactos e galhos acinzentados ressecados pelo sol escaldante, Súbito, algo muda completamente o cenário. Ao lado, está uma enorme rocha gigante, um monólito. Mais a frente outro. Para onde se olha estão eles: imponentes, intactos, selvagens. É como se de repente o tempo voltasse atrás. Não é aquela sensação decorrente do contato com alguma arquitetura secular, quando tem-se a impressão de ter voltado alguns séculos. Os monólitos⁷ remetem a um tempo bem mais longínquo, a era primitiva da terra. Só mesmo os sinais da presença do homem moderno para quebrar a sensação”.⁸

É interessante ter cuidado com a percepção do lugar nessa ótica da sensibilidade enquanto memória saudosista, romântica. A sensibilidade mediada pelo corpo, pela palavra, pela recordação, sobre os lugares da memória e a memória das pessoas, não pode ser desprovida de sensibilidade crítica de postura política.

Esta visão de ver o lugar na dimensão panorâmica, paisagística, eterna, como se o tempo não tivesse movimento e a natureza fosse desprovida de espacialização, de ação humana, de presença do trabalho, nos remete novamente ao pensamento do CERTEAU:

“Num exame das práticas do dia-dia que articulam essa experiência, a oposição entre “lugar” e “espaço” há de remeter sobretudo, nos relatos, a duas espécies de determinação: uma, por objetos que seriam no fim das contas redutíveis ao estar-aí de um morto, lei de um “lugar(...)”; a outra, por operações que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam “espaços” pelas ações dos sujeitos históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história)” (p. 203)

Memória, lugar e espaço são relações intrínsecas. O lugar chamado Quixadá, cercado por monólitos como se fosse um curral de pedra, é o lugar que está aí, mas a ocupação, a vivência, as relações sociais, a cidade, a urbanidade e o mundo rural, as ações dos sujeitos históricos, o trabalho (entre o aboio do gado, a pecuária, a cotonicultura), determinaram o espaço da memória e da história da região do Sertão Central no Estado do Ceará.

Em relação a memória da cidade, o pesquisador quixadaense João Eudes Costa, dá um depoimento sobre o transporte urbano nas décadas de 1920 e 30, nas suas memórias “Retalhos da História de Quixadá”:

“Os bondes possuíam nas laterais cortinas de lonas que serviam, no verão, para proteger o passageiro dos raios solares e, no inverno, das chuvas, evitando que o vento

⁷ Quixadá, Terra dos Monólitos –um dos epíteto do lugar.

⁸ Entrevista com a Professora Raimunda Solange Soares do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Quixadá concedida em dezembro de 2002.

levasse água para o interior do transporte. Havia dois estribos laterais para facilitar a subida dos passageiros, mas, também, eram utilizados pelos “bochecheiros”, isto é, aqueles que subiam, mas não queriam pagar a passagem que custava cem réis. Os meninos eram os que mais pegavam “bochechas”. Quando o cobrador se aproximava, pulavam mesmo com o bonde em movimento, sofrendo, algumas vezes, escoriações pelo corpo inteiro” (...) O bonde partia de sua garagem no Cedro. A linha de ferro, assentada sobre dormentes de madeira, estes totalmente cobertos com piçarra para facilitar a caminhada dos burros, acompanhava o trajeto da estrada de rodagem. Entrava em Quixadá pela atual rua Basílio Pinto (antiga Joaquim Nabuco).

O espaço descrito pelo memorialista, em síntese, é um lugar praticado. Deixa de ser o lugar da ordem, o estabelecido, mas o vivido, como define CERTEAU. Parece que o movimento urbano, os destinos dos passageiros, a arrumação das ruas, o itinerário do bonde, condicionaram a produção de um espaço e o associa a uma história “bondinhos do cedro” com marcas de atores sociais, e a uma memória narrada a partir do cotidiano das pessoas: de onde saíam e para onde iam, o percurso, os bochecheiros, os passageiros, o cobrador, os detalhes das ruas, os nomes do passado e a renomeação do presente, os “lugares esquecidos” pela memória do passado, substituídos e lembrados pela memória do presente, no olhar do memorialista.

A forma histórica que os protagonistas da pesquisa deixam transparecer nos remete ao pensamento de D’LESSIO quando eles expressam os “lugares de memória” como fronteiras do que foram num quadro rural-local e do que são, hoje, no quadro metropolitano-universal.

Como já afirmamos, a pesquisa ainda se encontra em fase preliminar. Ainda temos muito que caminhar tanto na fundamentação teórica como na pesquisa empírica. O objetivo desse texto é demonstrar, de forma “embrionária”, o que já andamos e o que precisamos de avançar.

Podemos apontar algumas deduções a partir dos cinco professores entrevistados até o momento, sendo três de Quixadá e dois de Fortaleza:

- Percebe-se o interesse, por parte dos professores, de se trabalhar com os “lugares de memória” na perspectiva de uma pedagogia relacionada com o cotidiano do educando/escola/comunidade/cidade;
- Nota-se a preocupação dos educadores com o “esquecimento” da memória coletiva por parte das elites e do Estado brasileiro e, especialmente, com a memória das camadas populares, suas lutas e conquistas. E, muitas vezes, percebe-se, que esse esquecimento é proposital, como estratégia de hegemonia de poder. Essa preocupação nos remete a posição de SILVA(p.15) quando diz “a estratégia de supressão da memória histórica(...) inerentemente antagônica aos interesses dos grupos populares”(...). E a educação histórica é a estratégia ímpar “porque está envolvida na produção da memória histórica e dos sujeitos históricos”;
- Observa-se, nas entrelinhas das palavras e dos seus olhares, a resistência e a falta de compreensão do conceito de patrimônio histórico- cultural enquanto recurso didático. Além disso, dos cinco entrevistados, todos foram unânimes em perceber o patrimônio ainda na visão do arquitetônico - cimento e pedra. Trabalhar o patrimônio histórico cultural numa dimensão de que “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira..”(Constituição brasileira, 1988,Artigo 216,

Seção II), ainda precisa de um longo caminho para a escola entender a dimensão da memória patrimonial na sua estrutura curricular.

Isso são “conclusões” muito elementares, precárias, e que no decorrer da pesquisa, com os estudos e as investigações, apontar-se-ão tessituras empíricas e teóricas que, indubitavelmente, possibilitarão “deduções” não “prontas”, e nem “acabadas” mas reflexões sobre a relação “A Arte de ensinar: Entre a deusa-mãe Mnêmesis (memória) e a deusa-filha clío (história) na perspectiva de Jacques Le Goff: *“A memória onde cresce a História, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez, 1984;
- ARRUDA, Gilmar. História e Memória: produção de cartazes didáticos. IN: SCHMIDT/CAINELLI, M. A. e M. R. (Ogs.) III Encontro: perspectivas do Ensino de História – Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- BOMBASSARO, L.C. As Fronteiras da Epistemologia: como se produz o conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992;
- BURKE, Peter (org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992;
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994;
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ed. Ática, 1995;
- D’LÉSSIO, Márcia Mansor. Memória: Leituras de M. Halbwachs e P. Nora. IN: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA: Memória, História, Historiografia: Dossiê ensino de história. Marco Zero/ANPUH, 92/93;
- FERNANDES, Ricardo Oriá. Educação patrimonial e cidadania: uma proposta alternativa para o ensino de história. IN: REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA: Memória, História, Historiografia: Dossiê ensino de história. Marco Zero/ANPUH, 92/93;
- GIRON, Lorraine Slomp. Da memória nasce a história. IN: LENSKIJ/HELPER, T. e N.E. (ogs.) A memória e o ensino de história. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000;
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. Revista Brasileira de História. São Paulo, 1995. N. 28
- HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo. Cia. Das Letras, 1998;
- HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992;
- LENSKIJ/HELPER, T. e N.E. (ogs.) A memória e o ensino de história. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, 2000
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994;
- LUPORINI, Teresa Jussara. Os “Lugares da Memória” enquanto objeto da educação histórica. IN: SCHMIDT/CAINELLI, M. A. e M. R. (Ogs.) III Encontro: perspectivas do Ensino de História – Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, 1993;